



Períodos literários - Poemas

Poemas

Quinhentismo (literatura de informação) - 1500

Poema de Pe. José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado ?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado,
Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu
Diz-me, santo Menino,
Que voz fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,
Em que jazo embrulhado,
Por despirte do pecado.

- Ó menino de Belém,
Pois sois Deus de eternidade
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem
E te dar eterno estado,
Tal me fez o teu pecado.

Barroco- 1601

Poema de Gregório de Matos

Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;

Porque , quanto mais tenho delinqüido,
Vós tenho a perdoar mais empenho.
Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa , que vos há oferecido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.
Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História,
Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais , Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Arcadismo-1768

Poema de Cláudio Manoel da Costa

Soneto X

Eu ponho esta sanfona, tu, Palemo,
Porás a ovelha branca, e o cajado;

E ambos ao som da flauta magoado
Podemos competir de extremo a extremo.

Principia, pastor; que eu te não temo;
Inda que sejas tão avantajada
No cântico amebeu: para louvado
Escolhamos embora o velho Alcemo.

Que esperas? Toma a flauta, principia;
Eu quero acompanhar te; os horizontes
Já se encham de prazer, e de alegria:

Parece, que estes prados, e estas fontes
Já sabem, que é o assunto da porfia
Nise, a melhor pastora destes montes.

Romantismo- 1836

Poema de Álvares de Azevedo

Se eu morresse amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã,
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que amanhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! Que céu azul! Que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o doloroso afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

Realismo, Naturalismo e Parnasianismo- 1881

Poema de Guerra Junqueiro

Parasitas

No meio duma feira, uns poucos palhaços,
Andavam a mostrar, em cima dum jumento
Um aborto infeliz, sem mãos, sem pés, sem braços,
Aborto que lhes dava um grande rendimento.

Os magos histriões, hipócritas devassos,

- Indivíduos ridículos, farsantes.

Exploravam assim a flor do sentimento,

E o monstro arregalava os grandes olhos barços,

- sem brilho

- Uns olhos sem calor e sem entendimento.

E tida a gente deu esmola aos tais ciganos:

Deram esmola até aos mendigos quase nus.

E eu, ao ver este quadro, apóstolos romanos.

Eu lembrei-me de vós, funâmbulos da Cruz,
- Indivíduos que mudam facilmente de opinião.
Que andais pelo universo há mil e tantos anos
Exibindo, explorando o corpo de Jesus.

Simbolismo- 1893

Poema de Alphonsus de Guimarães

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir para o céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu ,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava longe do céu...
Estava longe do mar ...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu...
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma, subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Pré-modernismo- 1902
Poema de Augusto dos Anjos

Versos íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a ingratidão esta pantera-
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável,
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro
A mão que afaga é a mesma que apedrejar.

Se alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedrejar essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beijar!

Modernismo- 1922

Poema de Oswald de Andrade

Canto de regresso à pátria
Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
Ouro, terra, amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para São Paulo
Sem que veja a rua 15
E o progresso de São Paulo.

Fim!